Um ano de Cablegate. Como WikiLeaks influenciou a política extena, o jornalismo, e a Primeira Emenda

*Por **Trevor Timm**, advogado e ativista da Electronic Frontier Foundation especializado em liberdade de expressão e transparência governamental*



Data da publicação:

Dezembro de 2011

Há um ano, em 28 de novembro de 2010, o WikiLeaks iniciou a publicação de um conjunto de mais de 250 mil telegramas do Departamento de Estado dos EUA – iniciativa conhecida como *Cablegate*, que passou a ser uma das principais referências para reportagens de jornais em todo o mundo.[1] As revelações abriram ao público uma janela para o funcionamento interno de governos em uma escala sem precedentes, e neste processo acabou transformando o jornalismo na era digital.

Em reconhecimento, Julian Assange, fundador do WikiLeaks, acaba de receber a versão australiana do Prêmio Pulitzer,[2] além do prêmio Martha Gellhorn de jornalismo que já havia obtido no Reino Unido este ano.[3] Como observou Glenn Greenwald, da publicação online Salon, "WikiLeaks produziu mais 'furos' de reportagem durante o último ano que o conjunto da mídia".[4] Mas ao mesmo tempo o Departamento de Justiça vem investigando possível conduta criminosa do WikiLeaks por fazer o que qualquer outra empresa de mídia tem feito nos EUA durante séculos – publicar informação verdadeira a serviço do interesse público.

Aqui está um resumo do impacto do Cablegate no jornalismo relacionado a seis países que são centrais para a política externa dos EUA, e sobre por que é vital para a mídia defender o direito do WikiLeaks garantido pela Primeira Emenda de publicar informação sigilosa.

OS TELEGRAMAS DO WIKILEAKS E SUA CONTRIBUIÇÃO AO JORNALISMO

Líbia

Neste último verão dos EUA o senador John McCain foi o membro mais incisivo do Congresso a defender uma ação militar mais agressiva para remover do poder Muamar Gadafi. Mas m telegrama reproduzido pelo WikiLeaks

revelou que há apenas dois anos o senador McCain tinha prometido pessoalmente armar Gadafi com equipamento milita americano.[5] Gadafi oi um dos mais ácidos críticos das publicações do WikiLeaks. Os telegramas revelaram a ganância e corrupção de seu regime e, de acordo com algumas reportagens, pareciam tê-lo deixado enlouquecido. Ele chegou a acusar a CIA de vazar os documentos para desestabilizar seu governo.[6]

Paquistão
Muito antes que comandos dos EUA invadissem secretamente o Paquistão para matar Osama bin Laden em agosto, os telegramas confirmaram queos militares americanos já estavam operando em segredo no interior do país – um fato que o governo dos EUA tinha negado por vários meses. Apesar das declarações públicas de apoio ao governo do Paquistão, os telegramas também revelaram que diplomatas dos EUA há muito tempo consideravam o serviço de inteligência paquistanês, o ISI, como uma "organização terrorista" que tacitamente apoia a al-Qaeda e o Taliban.[7]

Iêmen
Um dos primeiros telegramas publicados em 2010 confirmava informações de outra ação militar secreta que os EUA já tinham negado – ataques de aeronaves não tripuladas (drones) no Iêmen. Ao mesmo tempo, os telegramas detalhavam o acordo secreto entre o presidente do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, e os EUA para permitir os ataques, que Saleh negava publicamente. Quando a CIA matou extrajudicialmente o líder da al-Qaeda e cidadão americano Anwar al-Awaki com um ataque de drone em outubro de 2011, os EUA anunciaram publicamente sua morte mas recusaram-se a divulgar qualquer informação oficial sobre o ataque. Um telegrama publicado pelo WikiLeaks forneceu um esquema de como o ataque foi realizado.[8]

Egito
Durante a revolução egípcia, os telegramas revelaram ao mundo uma visão dura e sem rodeios da brutalidade de Mubarak e seu regime, fatos que os egípcios já bem sabiam. Os telegramas pintaram um quadro claro das relações íntimas dos EUA com o regime, mas também confirmaram para a comunidade internacional que a brutalidade policial no Egito era rotineira e ampla e que o uso de tortura era "tão comum que o governo egípcio deixou de negar que ela existe".[9]

Tunísia
Foi atribuida aos telegramas influência direta obre o evento que veio a ser conhecido como a Revolução do Jasmim. Nos estágios iniciais dos protestos políticos de massa na Tunísia, o influente grupo de blogueiros Nawat[10] criou um sítio Web denominado TuniLeaks e divulgou amplamente os telegramas aos tunisianos. Os telegramas confirmavam que os EUA viam o presidente Ben Ali como um tirano corrupto e brutal e estimulou a crescente revolta. A Anistia Internacional considerou o WikiLeaks e seus parceiros na mídia como "catalisadores" do movimento popular que depôs Ali.

Iraque
Um telegrama publicado pelo WikiLeaks pode vir a ser seu mais duradouro legado – a CNN informou há um mês[11] que esse telegrama teve um papel em apressar o retorno de todas as tropas dos EUA no Iraque e terminar uma guerra que já dura dez anos. As negociações para estender a presença das tropas americanas além da data-limite original de 2011 foram prejudicadas quando o WikiLeaks publicou um telegrama revelando que os EUA tentaram encobrir um incidente em que soldados reconhecidamente mataram mulheres e crianças inocentes no Iraque[12].Os negociadores iraquianos indicaram que o telegrama deu a eles a justificativa para recusar a extensão do prazo de presença das tropas.

Tudo isso é apenas a ponta do iceberg – os telegramas pautaram praticamente todas as principais reportagens de política internacional em 2011. Em abril, o Atlantic Wire informava que cerca de metade dos assuntos tratados pelo New York Times baseavam-se em documentos do WikiLeaks. Todos os telegramas já foram publicados, mas seu impacto ainda está reverberando. O notório ditador Robert Mugabe pode ser o próximo a sentir seus efeitos. A BBC informou recentemente que as revelações do WikiLeaks podem forçá-lo a renunciar, algo antes "inimaginável".[13]

O IMPACTO DE LONGO PRAZO: WIKILEAKS E AS AMEAÇAS À PRIMEIRA EMENDA

Ao rever como os telegramas divulgados pelo WikiLeaks enriqueceram e coloriram nosso entendimento da história recente, é impossível ignorar que o Departamento de Justiça está investigando indivíduos supostamente associados ao WikiLeaks, alegando possíveis violações com base no Ato de Espionagem de 1917 – uma relíquia legal da Primeira Guerra Mundial – que tem sido usado para punir vazamentos de informações oficiais.

Nenhuma organização de mídia foi até hoje acusada, e muito menos condenada, pelo Ato de Espionagem. Estudiosos da Constituição americana concordam de forma quase unânime que um processo legal contra uma organização de mídia seria devastador para a liberdade de expressão e violaria a Primeira Emenda.[14] Sabe-se que o Departamento de Justiça tenta evitar esse problema constitucional tentando enquadrar o líder do WikiLeaks, Julian Assange, na teoria da "conspiração para cometer espionagem" por induzir sua fonte a fornecer informação sigilosa.[15]

Pedir informação a fontes é obviamente parte do processo normal de obtenção de notícias por qualquer repórter, razão pela qual o professor de Yale Jack Balkin afirmou que a estratégia do Departamento de Justiça "ameaça também os jornalistas tradicionais."[16] O especialista em sigilo Steven Aftergood argumentou que um processo baseado nessa teoria poderia criminalizar as "convenções comuns de divulgação de informações sobre segurança nacional".[17] E o ex-diretor jurídico do New York Times James Goodale assinalou que o Departamento de Justiça poderia na verdade estar investigando o WikiLeaks por "conspiração para cometer jornalismo".[18]

No entanto as grandes empresas de mídia, especialmente o New York Times, pouco fizeram para defender o direito de publicar do WikiLeaks, apesar de juristas tanto da esquerda[19] como da direita[20] afirmarem que é impossível distinguir o WikiLeaks do Times nos termos da lei.

A relação tumultuosa de Assange com o Times e outros parceiros da mídia pode ser a razão do silêncio do Times. Mas seja qual for a opinião sobre Assange, deixar de defender o direito do WikiLeaks de publicar documentos sigilosos oficiais é perigosamente míope. Com toda a atenção que o WikiLeaks tem recebido, é fácil esquecer que os jornais têm publicado informação secreta há décadas. De fato, no ano passado, histórias baseadas em informações sigilosas que não surgiram pelo WikiLeaks sobre o Afeganistão, o Paquistão, a Rússia, o Iêmen, a Somália, a Líbia, o Irã e a China têm marcado presença nas páginas das principais publicações do país.[21] E grande parte da informação sobre a qual essas reportagens são baseadas está em um nível de sigilo mais alto que qualquer documento já publicado pelo WikiLeaks.

O New York Times pode sentir-se seguro pela indicação do Departamento de Justiça que o jornal não é alvo de investigação, mas o argumento "acredite em nós" pode durar só até o próximo "furo" de reportagem. Há menos de uma década o então Procurador Geral Alberto Gonzales afirmou várias vezes que gostaria de investigar o New York Times segundo o Ato de Espionagem, pelas suas reportagens sobre os "grampos" ilegais feitos nos EUA pela Agência de Segurança Nacional (NSA).[22] Os repórteres do Times James Risen e Eric Lichtblau ganharam o Prêmio Pulitzer por expor graves violações constitucionais que também estavam classificadas com o máximo grau de sigilo ("top secret"). Mas se os processos contra o WikiLeaks vingarem, uma ameaça como a de Gonzales poderia forçar um jornal a cancelar uma reportagem como essa, ou pior: o próximo ganhador do Pulitzer poderia ser forçado a aceitar seu prêmio na cela de uma prisão.[23]

As principais empresas jornalísticas dos EUA são as que mais têm a perder em um processo contra o WikiLeaks. Uma acusação ou não contra Julian Assange não pode extinguir a ideia que WikiLeaks representa. Agora sabemos que existem tecnologia e expertise para criar plataformas de denúncias operadas anonimamente que podem lutar pela transparência governamental através da divulgação mundial de informações. Como a revista Economist afirma, "prender Thomas Edison em 1890 não escureceria a noite".[24] E apesar da falta de vontade das empresas de mídia em defender o WikiLeaks, elas estão também tentando copiar o modelo do WikiLeaks.[25]

Enquanto a mídia analisa o amplo impacto dos telegramas divulgados pelo WikiLeaks, é importante que ela também defenda a ideia por trás do WikiLeaks – porque se ela não defender o direito de publicar do Wikileaks, no final será mais difícil preservar os direitos de publicação das grandes organizações como o New York Times. A real vítima de um processo contra o WikiLeaks não será Julian Assange. Será a própria Primeira Emenda.

Versão traduzida e adaptada do original publicado pela Electronic Frontier Foundation. Ver https://www.eff.org/deeplinks/2011/11/cablegate-one-year-later-how-wikil...

---

1. Ver http://www.nytimes.com/2010/11/29/world/29cables.html?pagewanted=all

2. O anúncio oficial do prêmio está em http://www.walkleys.com/news/5131

3. Ver http://www.guardian.co.uk/media/2011/jun/02/julian-assange-martha-gelhor...

4. Ver http://www.salon.com/2011/11/27/wikileaks_wins_major_journalism_award_in...

5. Ver http://www.politico.com/news/stories/0811/62114.html

6. Ver http://thelede.blogs.nytimes.com/2011/01/17/qaddafi-sees-wikileaks-plot-...

7. Ver http://www.bbc.co.uk/news/world-south-asia-13191241

8. Ver http://www.nytimes.com/2011/10/09/world/middleeast/secret-us-memo-made-l...

9. Ver http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/28/egypt-police-brutality-tortu...

10. Ver http://nawaat.org/portail

11. Ver http://edition.cnn.com/2011/10/21/world/meast/iraq-us-troops

12. Ver http://www.mcclatchydc.com/2011/08/31/122789/wikileaks-iraqi-children-in...

13. Ver http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-15446108

14. Ver http://www.nytimes.com/2010/12/02/world/02legal.html

15. Ver https://www.nytimes.com/2010/12/16/world/16wiki.html

16. Ver http://balkin.blogspot.com/2010/12/wikileaks-and-mayflower-hotel.html

17. Ver https://www.fas.org/blog/secrecy/2011/04/grand_jury_wikileaks.html

18. Ver http://www.thedailybeast.com/articles/2011/06/13/wikileaks-probe-spoils-...

19. Ver http://www.lawfareblog.com/2010/12/problems-with-the-espionage-act

20. Ver http://www.lawfareblog.com/2010/12/seven-thoughts-on-wikileaks

21. Ver por exemplo http://www.newyorker.com/online/blogs/comment/2011/11/steve-coll--afghan... sobre o Afeganistão e http://www.salon.com/2011/07/05/leaks_2 sobre o Paquistão.

22. Ver http://www.pulitzer.org/archives/7037

23. Ver http://www.pulitzer.org/works/2006-National-Reporting-Group1

24. Ver http://www.economist.com/blogs/democracyinamerica/2010/12/after_secrets

25. Ver http://www.forbes.com/sites/jeffbercovici/2011/10/26/wsj-nyt-wikileaks-k...

Categoria:

- poliTICs 11